



**O homem cordial: uma leitura do conto rosiano “Minha Gente” na perspectiva da obra
“Raízes do Brasil”**

*The cordial man: a reading of the rosarian short story “Minha Gente” from the perspective of
“Raízes do Brasil”*

Sueli Teresinha de Abreu Bernardes
Universidade de Uberaba (Uniube)
Uberaba, MG-Brasil

Resumo

Neste artigo, com aporte na fenomenologia e em uma construção interdisciplinar, busca-se verificar até que ponto o conceito de homem cordial, refletido no livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, desvela-se no conto “Minha Gente”, integrante da obra *Sagarana*, de João Guimarães Rosa. A análise realizada oferece a possibilidade de apreender novas conexões desse conceito, a partir da narração das condutas sociais do sertanejo, motivadas por sentimentos, e no predomínio das vontades particulares sobre as vontades gerais descritas nessa obra de arte literária rosiana. Comenta-se que, segundo o cientista social, essas atitudes constituem entrave para democratizar as instituições, mas há uma perspectiva de esperança, desvelada também no texto rosiano. Ao final, reflete-se que a interação literatura e pensamento social pode contribuir para discussões sobre a formação democrática no campo educacional.

Palavras-chave: Homem cordial; Narrativa rosiana; Construção interdisciplinar.

Abstract

Drawing on phenomenology, and an interdisciplinary approach, this article examines the extent to which the concept of the cordial man, as reflected by Sérgio Buarque de Holanda in *Raízes do Brasil*, is revealed in the short story “Minha Gente”, included in *Sagarana* by João Guimarães Rosa. The analysis explores new connections of this concept, through the portrayal of the inhabitants of the Brazilian backlands ‘social behavior, driven by emotions and the predominance of private interests over collective will, as portrayed in Rosa’s literary text. It is noted that, according to the social scientist, these attitudes represent an obstacle to the democratization of institutions; however, there remains a perspective of hope, also unveiled in Rosa’s text. Finally, it is argued that the interaction between literature and social thought may contribute to discussions on democratic formation within the educational field.

Keywords: Cordial man; Rosian narrative; Interdisciplinary construction.

Introdução

Agora eu era o rei
Era o bedel e era também juiz
E pela minha lei
A gente era obrigado a ser feliz.
E você
Era a princesa que eu fiz coroar
E era tão linda de se admirar
Que andava nua pelo meu país [...].
(Chico Buarque; Sivuca, João e Maria, 1977)

Aproximo-me de alguma licença poética para iniciar uma reflexão sobre relações sociais. Os versos que iniciam este texto foram, na verdade, compostos sob a inspiração do conto infantil “João e Maria”, conforme Chico Buarque relata em uma entrevista à Radio Eldoradoⁱ. Este compositor tem um grande e reconhecido acervo de composições, muitas delas expressando uma crítica política e social. Nesta letra, sua inspiração foi uma memória de infância. No entanto, inspirada em *Sobre a leitura*, de Marcel Proust (1919), apresento-me como leitora que continua o texto, e reflito que, de lugar diferente de Sérgio Buarque de Holanda, o compositor Chico Buarque usa sua sensibilidade, olhar crítico e poética criativa para mostrar relações de autoridade e submissão, que se apresentam em um povo que reage conformado, vendo como natural sua sujeição aos que se impõem como juízes nas interações sociaisⁱⁱ.

Esta dimensão de crítica social encontro no intelectual Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), para quem convergem expressões de admiração não só por *Raízes do Brasil* (2014) e muitas outras produçõesⁱⁱⁱ, como igualmente pelas suas posições, atitudes e ideais democráticos. O crítico literário e sociólogo Antonio Cândido (1918-2017), desde os primeiros contatos com Holanda, na década de 1940, impressionou-se com sua “naturalidade, despreensão, ausência de dogmatismo”, vendo nele “um ensaísta^{iv} que era também um pensador” (Cândido, 1983, p. 132). É deste intelectual a expressão “clássico de nascença”^v, referindo-se a *Raízes do Brasil*.

Raízes do Brasil é desenvolvido em sete capítulos, mas é do quinto — “O homem cordial” — que me aproximo para compreender o sentido de cordialidade que se desvela e, ainda, tê-lo como referência para comentar as relações vividas pelo homem sertanejo, narrada por Rosa no conto “Minha Gente”, e se elas expressam as interações sociais, analisadas criticamente por Holanda em seu ensaio.

O conto escrito por Guimarães Rosa, selecionado para análise neste texto, integra, com outros oito, o livro *Sagarana* (2001)^{vi}. Segundo Coutinho (1991, p. 238):

Cada um deles constitui sem dúvida uma novela independente, com um enredo particular, mas se articulam em bloco como se simbolizassem o panorama de uma região. E *Sagarana* vem a ser precisamente isto: o retrato físico, psicológico e sociológico de uma região do interior de Minas Gerais, através de histórias, personagens costumes e paisagens, vistos ou recriados sob a forma da arte de ficção.

Penso que essa narrativa rosiana pode oferecer enredo e personagens relacionados à cordialidade brasileira, como expressa no capítulo “O homem cordial”, de *Raízes do Brasil*.

Preservo, em minhas investigações, o aporte na fenomenologia da imaginação, como propõe Gaston Bachelard (1884-1962). Para o filósofo sonhador de palavras:

O pensamento científico demanda uma razão desassossegada, unida à imaginação, engajada na produção criativa e na procura incessante do novo. Essa razão controvertida e criadora, que opta pelo objeto não determinado, deixa-se absorver pela imaginação com o objetivo de vislumbrar o impensável, pois pensa que não há um único método que dê conta sozinho de apreender a realidade (Abreu Bernardes, 2015, p. 112).

Diante das obras selecionadas, busco “repousar no coração das palavras, enxergar claro na célula de uma palavra, sentir que a palavra é um germe de vida, uma aurora crescente...” (Bachelard, 1988, p. 46). Afinal, diz o fenomenólogo, ao citar o poeta Leo Libbrecht, “as palavras sonham que as nomeemos” (p. 47). É com esta atitude que busco o sentido de cordialidade em “*Raízes do Brasil*”. Do mesmo modo, com aporte na filosofia bachelardiana leio o conto rosiano, refletindo que as palavras da linguagem ficcional, porque acumulam devaneios, tornam-se realidades^{vii}. Em “*Minha Gente*”, penso que a imaginação criadora de Rosa apreende o mundo real.

O trabalho interdisciplinar que apresento coaduna-se com a teoria de Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo ao refletir sobre criação conceitual. Para este pesquisador, “ao conceito não cabe representar, definir [...]. Ao conceito compete mobilizar forças, misturar elementos, produzir experiências, pela proximidade, pela promiscuidade. Há como que uma erótica do conceito” (Gallo, 2008, p. 65). Ao refletir sobre o sentido de cordialidade, penso que, dito em diferentes linguagens, a expressão deste conceito em Rosa e em Holanda pode mobilizar o pensamento para novas conexões.

Alguns comentários sobre *Raízes do Brasil*

Sérgio Buarque de Holanda iniciou a produção do livro *Raízes do Brasil* enquanto morava em Berlim, onde viveu de 1929 a 1930, e acompanhou o início do final da República de

Weimar, Alemanha. Nesse período, recebeu influências das teorias sociológicas de Max Weber (1864-1920), de quem usou, entre outros conceitos, os “tipos ideais” como *Campo e Cidade, Trabalhador e Aventureiro*. Publicado em várias edições^{viii}, o ensaio tem como centro de análise a formação social, histórica, política e econômica do brasileiro, desde o período colonial até a época do governo de Getúlio Vargas.

Sobre essa obra, o professor de Sociologia da América Latina, Sérgio Costa (2014, p. 823), comenta:

Sérgio Buarque de Holanda buscava conceber um país livre dos caciques rurais e mostrar que caminho deveria ser trilhado pela antiga colônia para se converter em uma nação democrática e moderna. No entanto, o livro não constitui apenas um projeto normativo, é também analítico. Para articular suas visões, Buarque de Holanda mergulhou profundamente na história brasileira e desenvolveu um diagnóstico sócio histórico que transcendia enormemente as pesquisas conduzidas à época.

Em uma breve contextualização, lembramos que à época da construção do livro, no Brasil, em termos políticos, repercutia nas ruas de São Paulo (onde residia Holanda), “a tensão entre a oligarquia agrária – que seguia concentrando o poder político e econômico – e as emergentes classes urbanas”, ao que se somava uma grande rivalidade entre as oligarquias agrárias paulista e mineira opostas na disputa do poder (Costa, 2014). Esse contexto político abrangia, ainda, a emergência de movimentos dos trabalhadores e de jovens oficiais militares, do “Estado Novo” de Vargas, e as consequentes discussões intelectuais sobre o passado e o futuro do país.

Na escrita de *Raízes*, quatro temas são desvelados: o modo de colonização português; o patriarcado rural; o homem cordial e as dificuldades do liberalismo nacional. Escrito em sete capítulos, citamos aqui os quatro primeiros para melhor entendimento à discussão sobre o “homem cordial”, realizada na quinta parte^{ix}.

No primeiro capítulo, Holanda descreve a colonização da América por Portugal e pela Espanha, comentando o personalismo excessivo originado, o que acarretou a debilidade das instituições e a falta de coesão social. No seguinte, discerne o trabalhador e o aventureiro, simbolizando duas éticas: “uma, busca novas experiências, acomoda-se no provisório e prefere descobrir a consolidar; outra, estima a segurança e o esforço, aceitando as compensações a longo prazo [...]”. No terceiro, ele retrata o sistema das propriedades rurais, no qual os proprietários exerciam um poder de decisão em todos os aspectos da vida dos

habitantes de seu latifúndio, sejam familiares, amigos, criadagem, escravos, tendo marcado nosso período colonial de modo concludente (Costa, 2014).

No quarto capítulo, o autor destaca dois tipos de colonização que identifica na América: a portuguesa, simbolizada pelo semeador, e a espanhola, denominada por ele de ladrilhador. Semeador refere-se à conduta de colonização sem planejamento, superficial, tumultuada, sem gerar vínculos institucionais relevantes, interessada, sobretudo, na exploração de nossas riquezas. Dessas características decorreram: individualismo, competição incessante em busca de maior poder pessoal, precariedade institucional, primazia de laços pessoais (a cordialidade entre os integrantes da sociedade) em detrimento dos interesses coletivos necessários a um regime voltado ao bem comum, o que explicaria a dificuldade brasileira em consolidar uma democracia.

Ao mencionar o ladrilhador, Sérgio Buarque refere-se ao tipo de colonização espanhola planejada, com instituições fortes, em que o trabalho, a organização e a urbanização eram priorizadas.

Desse modo, esses capítulos integram o esforço de Holanda para realizar um estudo histórico das raízes do Homem Cordial e refletir sobre sua ação decisiva em relação a aspectos da história brasileira.

O conceito de cordialidade na perspectiva de Sérgio Buarque de Holanda

O homem cordial, segundo Holanda, não é o que se destaca pela polidez, pela generosidade, pela gentileza, pela bondade. Não se refere a práticas de boas maneiras ou a ter afeto por alguém. A cordialidade, para ele, caracteriza-se pela falta de racionalização das ações, pela personalização das interações sociais. Nesse sentido, os sentimentos são os mais relevantes.

Sentimentos que se originam no círculo familiar onde predominam interesses, vontades particulares, relações de afeto, mas também de submissão. Para Holanda, atitudes impessoais, voltadas ao bem coletivo, são exceções.

[...] é possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se expressou com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. E um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar — a esfera, por excelência dos chamados “contatos primários”, dos laços de sangue e de coração — está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. (Holanda, 2014, p. 146).

E Holanda exemplifica esse modo de ser citando o uso comum da terminação “inho” às palavras, a qual busca maior familiaridade com as pessoas, sendo uma “maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e de aproximá-los do coração” (p. 148). Toda convivência é regida por uma ética de caráter emotivo.

No já citado prefácio de *Raízes*, Antonio Cândido comenta essa influência das relações familiares:

o brasileiro recebeu o peso das “relações de simpatia”, que dificultam a incorporação normal a outros agrupamentos. Por isso, não acha agradáveis as relações impessoais, características do Estado, procurando reduzi-las ao padrão pessoal e afetivo. Onde pesa a família, sobretudo em seu molde tradicional, dificilmente se forma a sociedade urbana do tipo moderno (Holanda, 2014, p. 16-17).

O “homem cordial” condiz com um sistema político em que ser leal e amigo é o mais importante, pois as justificativas das decisões e atitudes devem sempre atender aos interesses particulares, e não serem submetidas a legislações e argumentos favoráveis ao bem coletivo.

E, finalmente, Holanda comenta o quanto essa cordialidade é prejudicial à democracia brasileira, a uma organização que se paute nos interesses e necessidades da sociedade e não na conservação de privilégios de uma pequena parte da população, detentores, injustamente, do poder.

A cordialidade desvelada em “Minha gente”

Tem certos dias
Em que eu penso em minha gente
E sinto assim
Todo o meu peito se apertar
Porque parece
Que acontece de repente
Feito um desejo de eu viver
Sem me notar
Igual a como
Quando eu passo no subúrbio
Eu muito bem
Vindo de trem de algum lugar
E aí me dá
Como uma inveja dessa gente
Que vai em frente
Sem nem ter com quem contar.
(Vinícius de Moraes; Chico Buarque; Garoto,
Gente humilde, 1969).

Ao envolver o sertanejo em suas narrativas literárias, Rosa escreve sobre sua gente, o povo mineiro, conterrâneo de nascimento e personagem constante de sua obra. Suas descrições, seus contos, suas reflexões, seus personagens trazem, poeticamente, o homem dos Gerais para ser conhecido em suas peculiaridades, sagacidade, mas, igualmente, em suas carências.

Segundo Buarque de Holanda, a família patriarcal rural, na época do país colônia, é personalista, os vínculos sociais não prezam a cooperação, o benefício de todos, mas têm um fim individual de poder. Essa forma de relacionamento expande-se para a região urbana, dificultando a organização de uma sociedade democrática nas cidades, pois prevalece a cordialidade brasileira, ou seja, ao colocar a emoção, o sentimento acima da razão, sacramenta em nossa gente a desigualdade e a hierarquia.

Pensamos que esses aspectos desvelam-se no conto “Minha Gente”, como veremos a seguir.

Na leitura de Guimarães Rosa, iremos comentar as passagens sobre questões políticas que envolvem alguns personagens do conto. Nosso intuito é relacionar a narrativa literária desse autor com o conceito de homem cordial, proposto por Buarque de Holanda.

Para os leitores que ainda não conhecem Sagarana, onde o conto se insere, apresentamos um breve resumo do texto de Rosa.

O conto “Minha Gente” serve de pretexto para a documentação dos costumes e dos infortúnios da vida da roça. Estrutura-se como uma espécie de paródia, meio sentimental e meio irônica, das histórias de amor com final feliz. O narrador-personagem, um moço, está de visita à fazenda do tio, empenhado em ganhar as eleições locais. O moço se apaixona por Maria Irma, sua prima, e lhe faz uma declaração, à qual ela não corresponde. Um dia, ela recebe a visita de Ramiro, noivo de outra moça, segundo ela diz, e o moço fica com ciúmes. Para atrair o amor de Maria Irma, ele finge namorar uma moça da fazenda vizinha. Porém, o plano falha - tendo como efeito secundário, não calculado, a vitória do tio nas eleições - e o moço deixa a fazenda. Na visita seguinte, Maria Irma apresenta-lhe Armanda. É amor à primeira vista; ele se casa com a moça, e Maria Irma, por sua vez, se casa com Ramiro Gouveia, "dos Gouveias de Brejaúba, no Todo-Fim-É-Bom. Como numa novela, há várias intrigas, episódios e personagens secundários. Numa dessas intrigas, Bento Porfírio comete adultério com a de-Lourdes, casada com Alexandre, o Xandão Cabaça, que acaba matando o rival. Há, de permeio, o episódio da eleição e da vitória de Emílio do Nascimento, tio do narrador-personagem, pelo partido João-de-Barro, e que serve de pretexto para a retratação das astúcias e intrigas da política interiorana de Minas. Outras personagens se entrecruzam. [...]. Nesse conto, o narrador-personagem, que não se identifica nominalmente, impregna sua narrativa de forte dose de lirismo (UOL, [20--]).

Como vemos, há uma história de amor, que tem maior destaque, e um acontecimento eleitoral: “o tio do personagem principal [narrador de quem não se sabe o nome] está disputando uma eleição. Esse político é o “grande e bondoso tio Emílio do Nascimento, que assina ‘do Nascimento’ porque nasceu em dia de Natal” (Rosa, 2001, p. 222). A lembrança que o sobrinho tem do tio é a de ser “mole para tudo, desajeitado, como um corujão caído de oco do pau em dia claro, ou um tatu-peba passeando em terreiro de cimento” (p. 222).

Porém, o proprietário da Fazenda Saco-do-Sumidouro se transformara para fazer jus à candidatura para presidente da câmara de seu município. “Mas, agora, há-de-o! Quem te viu e quem te vê... Agora Tio Emílio é outro: rejuvenescido, transfigurado, de andar e olhar bem postos e bem sustentados, se bem que sempre calmo, fechadão” (p. 224).

Seu interesse é a política local. O narrador conta a estratégia do tio Emílio em um parágrafo interessante:

Política sutilíssima, pois ele faz oposição à Presidência da Câmara no seu Município (no 1), ao mesmo tempo que apoia, devotamente, o Presidente do Estado. Além disso, está aliado ao Presidente da Câmara do Município vizinho a leste (no 2), cuja oposição trabalha coligada com a chefia oficial do município no 1. Portanto, se é que bem o entendi, temos aqui duas enredadas correntes cívicas, que também disputam a amizade do situacionismo do grande município ao norte (no 3). Dessa trapizonga, em estábilíssimo equilíbrio, resultarão vários deputados estaduais e outros federais, e, como as eleições estão próximas, tudo vai muito intenso e muito alegre, a maravilhas mil (p. 188).

Para ser eleito, o comportamento político de Tio Emílio pauta-se em relações pessoais confusas, instáveis, com arranjos emaranhados: “[...] ele faz oposição à Presidência da Câmara de seu Município [...], ao mesmo tempo que apoia, devotamente, o Presidente do Estado” (p. 224). É, ainda, interesseiro. Ao saber do assassinato por adultério de um eleitor (Bento), inicialmente demonstra não se importar: “Para os mortos... sepultura! Para os vivos, escapula!...”, e até manda o capataz chamar o subdelegado (p. 235). Contudo, lembra-se que perdera um voto, e se o “Xandão Cabaça, tão sem ideia” fugisse, aí seriam dois votos perdidos (p.234). E demonstra “bondade”, na verdade, conveniência, ao ordenar: “— Ajunta, depressa, uns homens, para campearem o Cabaça. [...]. Expliquem bem a ele, que ele vai ficar lá garantido, escondido das autoridades, até a gente arrumar as coisas, os jurados e tal...” (p. 236).

O desejo do candidato, imerso na política, morador e proprietário de um “feudo” (p. 224), mostra suas artimanhas para ser eleito, e decide homenagear Don’Ana do Janjão, que,

após receber um convite especial, provavelmente faria um acordo: os eleitores dela que morassem nos domínios da Fazenda Saco-do-Sumidouro, votariam nele. Os que fossem das terras de Emílio, mas morassem em terras da fazenda da Panela-Cheia, dariam seu voto a ela. E, assim, convidou Don'Ana e o marido Janjão para apadrinhar duas imagens doadas para a capelinha do Retiro.

O prestígio de Tio Emílio é imenso. “Seu agrupamento domina a zona das fazendas de gado, e manda na metade da vila” (p. 224). O número de camaradas, de agregados expande, pois em época de campanha, não se nega “trabalho, nem dinheiro, nem nada, a ninguém” (p. 225).

Nessa luta por hegemonia política, os bens materiais completam-se com conversas demoradas com os moradores da vila. Ele não cessa de receber gente. Expede portadores, e, até fora d'horas na noite, costumam chegar emissários”. “Raspe-se um pouco qualquer mineiro: por baixo, encontrar-se-á o político..., dizia o personagem Santana (p. 225).

A explicitação do domínio sobre coisas, causas e gentes desvela-se, ainda, em passagens como: “Tio Emílio pediu-me que redigisse um telegrama ao Secretário do Interior, solicitando a substituição do comandante do destacamento policial da vila [...] (p. 226). Ou, quando vai à vila, conversar com jurado do julgamento de Cabaça.

E o patriarca vence as eleições.

Tio Emílio me reteve abraçado, falando-me ao ouvido, com voz grossa e ronronante:
— Então, hein! Que arraso! Agora não há mais periquito para tomar casa que João-de-barro fez!... [...]
— Olha o que o Presidente do Estado me mandou: que telegrama! Não pode haver mais periquito. É a-lí! Tretou, relou, tijolo nas costas!... [...]
— O pior foi que eu tive um prejuízo grande... Gastei para mais de uns oitenta contos... Um estrago!... Estou pensando em fazer um acordo na política, em desde que eu fique sendo o chefe... E, numa onda brusca de carinho, Tio Emílio abraçou-me outra vez.

A competição, o poder, são expostos neste fragmento. E o envolvimento carinhoso do narrador na comemoração caracterizam a cordialidade de que fala Holanda.

As formas de entender o exercício do poder, baseadas na análise de sentimentos que derivam do grupo familiar, pode ser também observada em passagens como:

E agora? Agora, vou-me embora para as Três Barras, onde mora o meu tio Ludovico, que não tem filha bonita nenhuma e não cuida de política. Vou, amanhã mesmo! A Tio Emílio, aí que as eleições estavam beirando por pouco, custou concordar com a minha partida; falou em ingratidão, e amou. Maria Irma foi clássica: não disse pau e nem pedra. E eu, confesso, quase chorei, no caminho (p. 254).

Os recortes que elegemos para este artigo mostram a vida sertaneja em que expressões e comportamentos de cordialidade, como escreve Buarque de Holanda, foram por nós reconhecidos.

O tom lírico está presente em toda a narrativa, e a prosa poética de Rosa prepara o leitor para um inesperado final feliz:

Oh, tristeza! Da gameleira ou do ingazeiro, desce um canto, de repente, triste, triste, que faz dó. É um sabiá. Tem quatro notas, sempre no mesmo, porque só ao fim da página é que ele dobra o pio. Quatro notas, em menor, a segunda e a última molhadas. Romântico. [...] (p. 229).

“Ouvi um sabiá cantando
na beira do ribeirão...
Ô pássaro que canta triste!
Não me traz consolação...”

Então o sabiá calou o bico e foi-se embora [...] (p. 232, grifos do autor).

Agora é o córrego que parece triste. Trocou outra vez de toada... Deve ter uma lavadeira lavando roupa e chorando, lá longe, lá longe, lá para trás dos morros frios, onde há outras roças, outra gente, outro sabiá... (p. 233).

Manhã maravilha. Muito cedo ainda, depois de gritos de galos e berros de bezerros, ouvi alguém cantar. Fui para a varanda, onde adensavam o ar os perfumes mais próximos, de vegetais e couros vivos. Sob a roseira, de rosas carnudas e amarelas, encontrei Maria Irma (p. 239).

Os atributos líricos que integram o conto, participam da composição artística da trama. Isso se coaduna com as discussões de Martin Heidegger sobre a poesia e a linguagem, enquanto lugar de realização do ser. “O que se diz genuinamente é o poema”, diz o filósofo alemão (1995, p. 12).

Em edições posteriores, ou em outras obras, o autor de *Raízes do Brasil* afirma que a cordialidade não é imutável, permanente, e pode modificar-se segundo outros cenários históricos, acentuando o caráter totalmente datado de *Raízes do Brasil*. é um aceno de esperança.

Um final diferente dos dramas, do jogo político, dos amores perdidos é escrito por Rosa:

[...]

E foi assim que fiquei noivo de Armanda, com quem me casei, no mês de maio, ainda antes do matrimônio da minha prima Maria Irma com o moço Ramiro Gouveia, dos Gouveias da fazenda da Brejaúba, no Todo-Fim-É-Bom (Rosa, 2001, p. 223).

Palavras finais

*Que tal uma beleza pura no fim da borrasca?
Já depois de criar casca e perder a ternura
Depois de muita bola fora da meta
De novo com a coluna ereta, que tal?
Juntar os cacos, ir à luta
Manter o rumo e a cadência
Desconjurar a ignorância, que tal?
(Buarque, Que tal um samba? 2022).*

No diálogo interdisciplinar por meio das obras de dois grandes intelectuais brasileiros se pode aprofundar a compreensão do conceito “Homem cordial”; abre, também, a possibilidade de pensar que contribuição este artigo pode oferecer à área de Educação. Se a prática da pesquisa, assim como a prática em sala de aula ainda realiza timidamente estudos e atividades interdisciplinares, pensamos que os resultados da experiência vivida na investigação que originou este texto pode trazer estímulos para novas pesquisas e novas práticas com perspectiva interdisciplinar. Realizar leituras e reflexões interagindo arte literária e ciências sociais, se trouxe satisfação com o processo vivido, trouxe, também, a esperança de fazer diferente, de transpor as lacunas de conhecimento. De ir à luta para novas pesquisas.

Os dois autores escolhidos têm o grande mérito de despertar o desejo de múltiplos olhares para sua obra. As inúmeras produções de Sérgio Buarque de Holanda e de João Guimarães Rosa expressam um movimento contínuo de pensamento, de pesquisas e de diferentes abordagens. Do mesmo modo, seus livros convergem múltiplos olhares que geram outras produções.

Buscar compreender o conceito de cordialidade realizando leituras cruzadas proporcionou um saber em que ideias, imaginação, sensibilidade social, lirismo, paisagens sertanejas, vida familiar, processo político, sentimentos e questões históricas circulavam em nosso estudo, sempre buscando como interagiam para alcançarmos o sentido de “homem cordial”.

A reflexão sobre cordialidade, sua genealogia e sua concretização no Brasil colônia, leva-nos a pensar as questões que dificultam a organização democrática de nosso país, e de modo especial na educação. Nossas instituições escolares são democráticas? Nosso sistema de ensino está voltado para contribuir para a extinção da desigualdade social? O bem-estar coletivo norteia discussões acadêmicas?

Quisemos apresentar nossa experiência de pensar um conceito histórico dialogando com a arte literária. Observamos que a narrativa de Rosa contou, por meio de uma imaginação criadora e de uma poética, como a vida rural concretiza o “homem cordial” por meio do desvelamento do exercício de poder, da vida familiar, dos objetivos políticos e das interações baseadas no sentimento.

Não temos a pretensão de dizer que este é o melhor caminho para a pesquisa em educação, ou para a prática pedagógica. Apenas dizemos que este foi o trajeto que percorremos e com ele aprendemos muito.

Referências

ABREU BERNARDES, Sueli Teresinha de. A formação humana na perspectiva teórica da fenomenologia bachelardiana. In: PEIXOTO, Adão (org.). **Fenomenologia, cultura e formação**. Curitiba: CRV, 2015. p. 105-133.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1jck6Xsj9PZiPaFL5yrj52nMnQfbQ3ZqP/view> Acesso em 30 set. 2025.

BARTHES, Roland. **Aula** [Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Collège de France, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977]. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2017.

CANDIDO, Antonio. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 9-26.

CANDIDO, Antonio. Minha amizade com Sérgio. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 132-133, 1983.

COSTA, Sérgio. O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. **Soc. Estado**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 823-839, set./dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000300008>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5924/5368>. Acesso em: 18 set. 2025.

GALLO, Silvio. Filosofia e o exercício do pensamento conceitual na educação básica. **Educ. e Filos.**, Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 55-78, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/educfil/v22n44/v22n44a05.pdf>. Acesso em: 19 set. 2025.

BUARQUE, Chico. Obra-Canções. Curiosidades. **Notas sobre João e Maria**. Entrevista cedida a Geraldo Leite, Rádio Eldorado, Semana Chico Buarque. [S. l.], 1989. Disponível em: <https://www.chicobuarque.com.br/obra/cancao/387>. Acesso em: 19 set. 2025.

BUARQUE, Chico. Obra. Canções. **Que tal um samba?** [Álbum: Que tal um samba?], 2022. Disponível em: <https://www.chicobuarque.com.br/obra/cancao/896> Acesso em: 14 out. 2025.

BUARQUE, Chico. Obra. Canções. **João e Maria**, 1977. [Álbum: Chico Buarque ao vivo Paris Le Zenith]. Paris: 1990. Disponível em: <https://www.chicobuarque.com.br/obra/cancao/77>. Acesso em: 19 set. 2025.

BUARQUE, Chico. **Chico Buarque** – obra, vida, textos. Curador e Editor Canivello Comunicação. [20--]. Disponível em: www.chicobuarque.com.br Acesso em: 19 set. 2025.

BUARQUE, Chico. **Gente humilde**. 1969. In: Chico Buarque Obra-Canções, 20--. [Álbum: Chico Buarque de Hollanda – n. 4, 1970]. Disponível em: <https://www.chicobuarque.com.br/obra/cancao/387>. Acesso em: 19 set. 2025.

CARVALHO, Raphael Guilherme de. Raízes do Brasil, edição crítica: uma virada na memória da obra. **Rev. bras. Ci. Soc.**, v. 34, n. 100, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/3410003/2019>

HEIDEGGER, Martin. **Língua de tradição e língua técnica**. Tradução de Mário Botas. Lisboa: Vega, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. O homem cordial. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 167-182.

NOLLA, Livia. **A história da música “João e Maria”, de Chico Buarque**. Novabrazil, 2024.. Disponível em <https://novabrazilfm.com.br/musica/a-historia-da-musica-joao-e-maria-de-chico-buarque>. Acesso em: 11 out. 2025.

PROUST, Marcel. **Sobre a Leitura**. 2. ed. Tradução de Carlos Vogt. Campinas, SP: Pontes, 1919.

ROSA, João Guimarães. Minha Gente. In: ROSA, João Guimarães, **Sagarana**. 67 impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 209-260.

SOUZA, Ricardo Luiz de. As raízes e o futuro do "Homem Cordial" segundo Sérgio Buarque de Holanda. **Cad. CRH**, Salvador, v. 20, n. 50, p. 343-353, maio/ago 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792007000200011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/FBRYnzHxVHTzYxsMKK4r4tj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2025.

SANTOS, Daniela Vieira dos; LACERDA, Marcos; GARCIA, Walter (orgs). Retratos do artista: Chico Buarque, 80 anos. **Rev. Inst. Estud. Bras.** [São Paulo], n. 88, p. 1-9, jun. 2024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/issue/view/13456> Acesso em: 18 set. 2025.
em Literatura, Psicologia

UOL – Resumo de livros. **Minha Gente** (Sagarana) - Guimarães Rosa.[20--]. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumos-de-livros/minha-gente-sagarana.htm> Acesso em: 30 set. 2025.

Notas

-
- ⁱ Geraldo Leite narra que, em entrevista à Rádio Eldorado, em 1989, Chico Buarque relata: "Cada música tem uma história. Eu tenho uma parceria com o Sivuca que é engraçada. Ele fez a música, que ficou se chamando João e Maria. Ele mandou uma fita com uma música que ele compôs em 1944, por aí. Eu falei: "Mas isso foi quando eu nasci." A música tinha a minha idade. Quando eu fui fazer, a letra me remeteu obrigatoriamente para um tema infantil. A letra saiu com cara de música infantil porque, simplesmente, na fitinha, ele dizia: "Fiz essa música em 47." Aí pensei: Mas eu criança..." e me levou pra aquilo (Buarque, 20--, grifos do autor). "E neste contexto surgiu João e Maria, uma canção sobre um relacionamento, ou um ciclo, que chega ao fim, mas que também pode tratar de temas políticos, ao criticar regimes autoritários, como o que o Brasil estava passando na época da composição: a Ditadura Militar" (Nolla, 2024).
- ⁱⁱ Uma análise da produção musical, literária e teatral de Chico foi publicada no dossiê “Retratos do Artista: Chico Buarque, 80 Anos”, pela Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (2024), o qual mostra como suas criações “tanto no período da ditadura civil-militar (1964-1985) como na atualidade, dialogam entre si e com a sociedade” (Tomé, 2024). Um site (Holanda [20--]) abriga suas canções, obras literárias, teatrais, cinematográficas, entrevistas e artigos.
- ⁱⁱⁱ São de autoria de Holanda, entre outros: *Cobra de Vidro* (1944), *Monções* (1945), *Visão do Paraíso* (1959), *Tentativas de Mitologia* (1979), *Extremo Oeste* (1986), *Capítulos de Literatura Colonial* (1991), escritos dispersos em jornais encontram-se organizados em volumes, como *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos*, organizado por Marcos Costa, 2011).
- ^{iv} A identificação de *Raízes do Brasil* como ensaio é comentada pelo historiador Ricardo Luiz de Souza (2007): “*Raízes do Brasil* é, nitidamente, uma obra de transição. Busca explicar o Brasil de forma ensaística, como [...] outros o fizeram, mas, ao mesmo tempo, já se nota a presença de parâmetros científicos [...]. Dessa forma, na longa transição entre o ensaísmo e a adoção de padrões científicos, que caracteriza os anos 30, o livro representa um inegável avanço”.
- ^v Como se lê no Prefácio “O significado de *Raízes do Brasil*” (Holanda, 2014, p. 10).
- ^{vi} Sagarana teve sua primeira edição publicada em 1946, pela Editora José Olympio.
- ^{vii} De modo análogo o semiólogo Roland Barthes (1997, p. 18) afirma: “Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real”.
- ^{viii} *Raízes* foi publicada originalmente em 1936, pela Editora José Olympio. “As quase 30 edições de *Raízes do Brasil* lançadas até agora em português foram sucessivamente ampliadas e corrigidas pelo autor. O livro foi traduzido para o espanhol, o italiano, o francês, o japonês e o alemão; em 2012, foi publicada uma versão em inglês”(Costa, 2014, n. p.). “*Raízes do Brasil* de 1936 difere consideravelmente de *Raízes do Brasil* de 1969. Somente a partir da profunda revisão de 1948 é possível dizer que se trata de um livro “progressista”, tal como ficou consagrado, tendo antes apresentado elementos próximos do pensamento conservador. É o que se pode depreender, na edição crítica, tanto da leitura do texto e de suas modificações no tempo, quanto dos “posfácios à edição”, escritos pelos estudiosos protagonistas desses debates das últimas décadas” (Carvalho, 2019, n. p.).
- ^{ix} O sexto capítulo é “Novos tempos” e o sétimo, “Nossa revolução”, que não são mencionados neste texto por não estarem contemplados em nosso objetivo.

Sobre a autora

Sueli Teresinha de Abreu Bernardes

Mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás, licenciada em Filosofia pela Fista; membro da Association Internationale Gaston Bachelard; do Círculo Latinoamericano de Fenomenología; do Grupo de Estudos e Pesquisas da obra de Guimarães Rosa–Nonada (UFT); do Grupo de Estudos Filosofia e Educação (UFG) e da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos. Atuou como pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Educação da Uniube, onde se aposentou como professora titular.

E-mail sueliabreubernardes@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3731-521X>

Recebido em: 08/11/2025

Aceito para publicação em: 28/11/2025